

AS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO MEPES

I N T R O D U Ç Ã O

A realidade latinoamericana em geral e, especificadamente à brasileira, é carente e injustiçada estruturalmente e, portanto, se repercute a vários níveis humanos, tanto que a maioria da população não possui um mínimo básico para viver dignamente. Essas carências se acentuam na periferia dos centros urbanos e no meio rural, principalmente, naquele onde a concentração da terra é maior.

Qualquer ação social que queira pretender desencadear um processo de auto-consciência, de qualquer ponto que parta, deve ter presente essa realidade conflitante e estruturalmente opressora.

Nessa realidade, tentamos introduzir uma proposta educacional alternativa com uma característica própria: a participação direta de uma camada social, que até, está, excluída de projetos educativos formais.

Como se apresenta esse ambiente onde essa proposta está inserida? É o meio rural brasileiro que ainda sobrevive à pequena e média propriedade agrícola.

Nesse ambiente, o pequeno produtor rural planta, cultiva, colhe, armazena, cria seus animais, enfim administra tudo que naquela terra produz e precisa para sua família. Isso demonstra que o agricultor é polivalente, que sua atividade é diversificada, ^emas, profissionalmente, ao alcance de todos aqueles que naquele meio vivem. Portanto, para esse ambiente, o trabalho agrícola, tudo que na terra se faz, representa uma herança cultural, intrínseca ao próprio ambiente. Isso quer dizer que, a maneira de fazer e de ser é patrimônio de todos.

Para o pequeno produtor rural, o trabalho material, o esforço físico, braçal diário é algo que pertence diretamente à cultura camponesa, para ele trabalhar é "dar duro, pegar no cabo da enxada e suar".

O trabalho duro representa um valor social (moral) na vida do ruralista; para ele trabalhar é norma, enfrentar a dureza da vida esforçada fisicamente, não é em si um castigo, mas algo de normal-natural. Porque esse trabalho proporciona sua subsistência básica e de sua família e, num certo sentido, sua autonomia (profissional).

Dentro desse meio, a escola família - do MEPES, tenta desenvolver conteúdos estruturados, por seus agentes educativos, monitores, agricultores e alunos, a partir do saber popular para encaixá-los num contexto mais amplo, ajudando a ampliação de horizontes culturais de todos. Poderíamos dizer mais, a nossa tentativa é fazer com que a escola-família esteja aberta às contínuas e constantes mudanças que a sociedade envolvente força, para isso ela está presente indiretamente nos mais variados processos soci

ais, procurando analisar essa realidade de maneira crítica, de modo tal que os conhecimentos representam instrumentos conscientes de intervenção direta em seu próprio ambiente.

Em seu conteúdo geral, tentamos fazer com que a escola-família represente um centro comunitário educativo, no qual o adulto e o jovem colocam sua experiência de vida, tentando utilizar os meios pedagógicos básicos que ela oferece : alternância, plano de estudo, caderno da realidade e outros existentes localmente. Isso estimula formas associativas de desenvolvimento comunitário, lazer, feiras, pequenas exposições, mutirões, técnicas alternativas, etc, onde se nota que várias são as forças sociais locais utilizadas.

Como funciona a Escola Família Agrícola

As EFAs tem-se estruturado como instituição educativa, no e para o meio rural atual. Seus princípios básicos brotam de conquistas sociais e psicológicas. Entre os conceitos fundamentais gerais norteadoras da metodologia das EFAs temos :

a) Primazia da vida sobre a escola

No viver cotidiano a pessoa cresce e amadurece mais que na escola, onde são necessários controles artificiais.

Na EFA tudo é refletido, partindo da experiência prática, de cada um, porque a vida ensina e educa. A vida é fonte geradora de contínuda e novas experiências e conhecimentos. Somente integrados com a vida, é que o filho do agricultor se encontra, amadurece e "torna-se gente". Pois, a escola deve servir para auxiliar o cotidiano da vida, ser vir para uma real integração do ser humano com a vida.

b) Alternância - Ação - Reflexão

A vida do homem é um sucessivo alternar-se de fenômenos, uns naturais, outros sociais e espirituais, muitos deles integrados ou interdependentes.

A natureza alterna fenômenos como : sol-chuva, calor-frio, noite - dia estações do ano, vida-morte, tudo na natureza obedece a um sentido lógico, a uma justaposição universal.

A nível humano, quantas "coisas" se alternam: amor-ódio, alegria-tristeza, sabedoria-ignorância... Portanto, na vida da gente, é preciso descobrir e respeitar esses "tempos" - "ritmos". Para cada coisa e cada comportamento há um "tempo".

O homem do nosso ambiente rural interiorano sabe respeitar e reconhecer esses ritmos da vida, mais que o urbanista. Por isso, a al-

ternância, na EFA é uma tentativa de respeitar esses tempos "naturais e espirituais", encarando-os de forma racional, para que possam ser sistematizados e ampliados sob formas de conhecimentos.

O rapaz ou moça, permanecendo momentos em casa e outros na escola, fazem com que os conhecimentos novos sejam como a ampliação dos que possuem de forma mais crítica.

Na alternância, se estabelece a continuidade da formação na descontinuidade das atividades. A aprendizagem deixa de ser um fenômeno intelectualizante, mas recebe um significado a partir dos contextos práticos onde é aplicada.

c) Plano de estudo e Caderno da realidade

O PE é um instrumento básico da alternância curricular ou plano de curso. Através dele se opera a integração da vida com a escola, criando no aluno o hábito de ligar reflexão com ação e de partir da experiência para a sistematização racional.

O PE constitui a base para o diálogo com a família. É feito de questões elaboradas em conjunto, na EFA, a partir de um diálogo entre alunos e monitores, tendo por base a realidade do jovem (questões ligadas ao seu meio: situações familiares, comunitários, técnicos, tais como: nossa família, a reprodução, os meios de comunicação e transporte, o tempo-clima, etc...). Estas questões são estudadas e debatidas junto à família e mesmo na experimentação concreta do trabalho.

O Caderno da realidade, em poucas palavras, é como "o Caderno da vida do rapaz ou moça". É o documento onde o jovem registra e anota todas as suas reflexões, os estudos e aprofundamentos.

É a sistematização racional da reflexão e ação, provocados pelo PE, por conseguinte é o "lugar" onde ficam ordenadas todas as experiências educativas acontecidas na EFA.

Didaticamente o CR representa:

- 1º - uma tomada de consciência e uma particular percepção da vida cotidiana do aluno (a);
- 2º - desenvolve a formação geral, porque ali se retrata a história da família, da terra aonde trabalha e da comunidade da moça ou rapaz;
- 3º - representa um elemento de orientação profissional, porque as reflexões que ali aparecem, são frutos do trabalho do jovem e vida profissional e social.

d) Formação orientada sobre centros de interesse e questionamentos nas EFAs, a formação, procura partir de centro-de-interesse ou questões importantes. Quer dizer, ao redor de temas de interesse geral se desenvolve todo o conteúdo curricular. Os educandos trabalham intelec

tualmente, não apenas na busca de conhecimentos, mas principalmente de aprender a informar-se, nisso a escola ajuda a busca. Não se insiste tanto na obtenção de conclusões absolutas ou definitivas, mas se leva em conta que as condições são em geral abertas. Conseqüentemente, a formação se apoia mais no método de trabalho de que nos conhecimentos a adquirir.

e) Cooparticipação

A responsabilidade é o fator mais importante em qualquer processo de desenvolvimento humano. O jovem é agente principal de seu crescimento. Em todo os momentos, na família, na terra que trabalha, na comunidade e na escola.

O monitor é antes um animador de que um mestre, tenta provocar a reflexão e ação, favorecendo a expressão pessoal. Procura que aconteça : desenvolvimento da responsabilidade pessoal;

- evolução da criatividade;
- crescimento do espírito crítico;
- favorecimento da auto-disciplina;
- domínio dos fenômenos naturais e sociais.

f) Ação Intelectual - do participante ao geral (indução)

Tentando respeitar a psicologia do rural, a EFA procura estimular a aprendizagem a partir do princípio da indução. O processo acontece : "descoberta" do particular, passagem para o geral e tentativa de ajustamento. Ou despertar da curiosidade- inteligência (informação) ação ou situação modificada



g) EFA integrada à família

O cotidiano representa a fonte de aprofundamento da escola, portanto é da família e comunidade que pertence esse saber. Automaticamente a EFA ajuda o meio rural, a ampliar seus horizontes culturais, assim como um real desenvolvimento.

A integração entre a EFA e a família se dá através de :

- a - participação e responsabilidade de cada família, principalmente dos jovens que frequentam a escola, por meio do plano de estudo e contatos com os monitores;
- b - participação das famílias em reflexões periódicas, por meio de encon

tros com os pais;

c - responsabilidade grupal das famílias representadas pelos membros do Conselho de Administração.

O MONITOR

O educador que atua diretamente na EFA é chamado de "monitor", porque antes de tudo é um orientador, um agente que tenta ajudar o rapaz ou a moça a se posicionarem criticamente frente sua realidade.

O monitor busca junto com os alunos e famílias a melhoria constante da vida do homem do campo. Aqui seu maior desafio: saber captar o saber popular e ajudar ampliar, sem distorcer, os valores humanos-espirituais aí existentes.

O monitor recebe do MEPES, por meio do Centro de Formação, um treinamento inicial de quase um ano, usando a mesma metodologia da EFA. Esse treinamento depois se prolonga sob forma de reciclagem, nos anos sucessivos, onde as questões pedagógicas, estejam ligadas à EFA como os problemas sócio-econômicos e políticos do ambiente dela são debatidos periodicamente em encontros zonais gerais do MEPES.

PERSPECTIVAS

Como perspectivas é preciso ter presente alguns resultados obtidos pelas EFAs do MEPES, assim como problemas e desafios que se apresentam em função da consolidação como expansão de um modelo educativo.

- A metodologia da EFA por suas características próprias, pode ser plenamente utilizada, trabalhando com adolescentes, isto quer dizer, rapazes ou moças acima de 13-14 anos. Nesse sentido, as EFAs do MEPES foram reconhecidas publicamente, como ensino supletivo de suplência, por isso quem entra nela, não pode ter menos de 14 anos.

- Esse ingresso relativamente tardio na EFA, coloca alguns questões: 1º - uma certa defasagem entre término do antigo ginásio (primário) e ingresso na EFA, de 2 a 3 anos. Hoje, em algumas áreas do E.S, com uma maior expansão da rede escolar de 1º grau completo, nota-se que o rapaz ou moça, também do meio rural, são estimulados a concluir integralmente e sem interrupção o primário. O que ocasiona a expansão da área atuante da EFA, principalmente, em algumas regiões no sul do ES, dificultando bastante a aplicação dos meios metodológicos próprios da EFA, seja pela diversidade de origem, como da idade dos alunos.

2º - Uma diminuição na idade do ingresso na EFA requer um acompanhamento direto maior dos monitores às famílias, portanto, maior disponibilidade de tempo e recursos financeiros.

- O adolescente que em geral entra na EFA, provém de uma escola divorciada de seu meio, o que não estimula o trabalho na terra. Ao entrar

na EFA, o jovem "choca-se" com aquilo que aprendeu até então, porque a escola tradicional valoriza o saber como fator de ascensão social, ali pelo contrário, é estimulado a valorizar sua cultura camponesa.

- O reconhecimento oficial e equivalência ao 1º grau (5ª a 8ª série) causaram alguns empecilhos, referentes ao aspecto metodológico. O método de alternância conjugado ao PE requer um desenvolvimento curricular que parte de "centro-de-interesse" ou temas amplos, todos ligados ao meio, formando um plano educativo - orgânico. Um programa desse tipo choca-se com determinadas exigências burocráticas que estão ligadas à carga horária por matéria e ao conteúdo de algumas disciplinas básicas - estabelecidas por lei.

- A aceitação não só da metodologia como da atuação comunitária da EFA por parte dos agricultores é razoavelmente boa. Isso acontece, em maior ou menor intensidade e depende de alguns fatores: norte ES, maior; porque forças sociais locais apoiam diretamente a ação educativa da EFA, como : pastoral, sindicais e lideranças políticas; menor no sul do ES, porque forças políticas - indiferentes e trabalho comunitário menos comprometedor.

- No seu conjunto, os ex-alunos das EFAs de 1º grau do MEPES, mais de 80% permanecem em casa no meio rural; quando se refere ao 2º grau, mais ou menos 70% atuam diretamente na própria terra, ou do pai, ou como meeiro; 27% no meio rural - no campo da educação e em empresas, o restante, 3% saíram e fazem trabalhos não ligados à agricultura.

- No norte do ES, Bahia e em alguns estados do norte e nordeste brasileiro, as EFAs estão em franca expansão. No norte do ES., após alguns anos com 04 unidades, atualmente, os pedidos feitos por comunidades locais e lideranças municipais estão se multiplicando. Como perspectivas concretas existem solicitações de aberturas de escolas no Município de Pinheiros (já iniciadas) Mun. de Montanha, Boa Esperança - (2º) grau e Nova Venécia.

- Essa expansão, solicitada por grupos de agricultores e comunidades rurais, demonstra uma positiva aceitação do método EFA, que nem sempre é acompanhada de um apoio direto - humano-financeiro por parte de administrações públicas locais; aliás, em alguns casos, essas representam, com sua ação, um verdadeiro empecilho ao trabalho educativo da EFA.

- Enfim, após mais de 15 anos de vida das EFAs do MEPES, nota-se que o agricultor participa mais do que várias autoridades locais, não só com apoio moral, mas a nível financeiro, na manutenção integral da parte física da escola.